

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências da Saúde
Faculdade de Medicina
Departamento de Terapia Ocupacional
Bacharel em Terapia Ocupacional

VANESSA BARBOSA GONÇALVES

**CONTATO: A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICO-ESTÉTICA NO PROCESSO DE
SUBJETIVAÇÃO DO PROFISSIONAL TERAPEUTA OCUPACIONAL**

JUN/2018

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências da Saúde
Faculdade de Medicina
Departamento de Terapia Ocupacional
Bacharel em Terapia Ocupacional

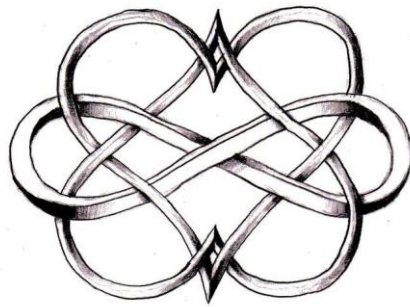
VANESSA BARBOSA GONÇALVES

COMTATO: A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICO-ESTÉTICA NO PROCESSO DE
SUBJETIVAÇÃO DO PROFISSIONAL TERAPEUTA OCUPACIONAL

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Corpo
Discente e Docente do Curso
de Graduação em Terapia
Ocupacional da Universidade
Federal do Rio de Janeiro para
obtenção do certificado de
Terapeuta Ocupacional.

ORIENTADOR:
MARCUS VINICIUS MACHADO DE ALMEIDA

JUN/2018



Dedico este trabalho, primeiramente, aos pequenos mestres que encontrei na minha trajetória, que me ensinaram um pouco mais sobre a Vida, assim como continuarão me ensinando no devir.

À minha família, que me apóia.

Aos meus amigos, que me confortam.

Aos meus guias, que me sustentam e acompanham.

Ao curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aos discentes, docentes e técnicos, que fizeram e fazem parte de todo esse des-velamento profissional.

INTRODUÇÃO:

Toda a base reflexiva deste estudo perpassa pelos meus depoimentos fundamentados na experiência sensível e corporal de palhaça amadora, dançarina, desenhista, artesã, atravessada por teorias estudadas, por discussões acerca da prática da Terapia Ocupacional e de certo engessamento teórico-prático profissional que percebo, produzido por algumas metodologias de formação de terapeutas ocupacionais que preconizam a produção conceitual como saber mais legítimo do que a experiência sensível e corporal. Assim, esta pesquisa é um estudo de caso, no qual o pesquisador e o objeto de pesquisa são os mesmos. Aqui não se deseja um afastamento entre pesquisador e objeto, mas é nesta aproximação que o pesquisador pode falar em primeira pessoa de suas próprias memórias da carne. Deste modo, usarei a minha experiência de aluna do curso de formação profissional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, como base para reflexões que serão levantadas no decorrer do texto. Essa pesquisa procura analisar o meu processo de formação como terapeuta ocupacional e a necessidade de empoderamento dos processos criativos, proveniente da experiência sensível e estética, tendo como premissa que a arte é uma potência de deslocamento de estruturas, e que pode ser encarada também como uma possibilidade de autocuidado do próprio terapeuta ocupacional. Contudo, aqui, nosso foco será na abertura de espaço que a arte oferece para a aceitação do processo humano, sem a tensão massiva na dicotomização entre certo e errado do agir e do pensar, freqüente nas discussões conceituais.

Percebemos que a formação apenas conceitual acadêmica, muitas vezes despotencializa e (re)produz certos discursos que nos distancia de ações concretas e cotidianas. É um discurso sobre, mas não com. E se não vivenciamos certas ações na carne, no corpo, nem mesmo as empreendendo em nós, apenas vivemos estas ações no verbo, como retórica de nosso discurso. A ação padece em seu acontecimento.

Deste modo, o objetivo deste trabalho é apontar para um repensar da formação do profissional, e que não está ligado a certo saber específico de atuação ou de campo conceitual ao qual está engajado. É uma formação que, independente de onde o profissional esteja inserido, torna-o potente e o menos embotado possível pelo contexto institucional. Seja esta a instituição Terapia Ocupacional, seja a instituição no qual ele

será profissional, pois despertará nele a curiosidade aguçada pelo seu próprio fazer e estar nas situações a partir do incerto.

A arte na formação funcionaria como uma micropolítica que mais do que produzir uma certa zona conceitual ou metodologias de argumentação, produziriam uma ética de ativar no profissional uma potência de práticas de singularização (autenticidade) constante nas ações que ele irá enfrentar em sua prática cotidiana profissional. Entendendo que o encontro é sempre novo, pois os dias não são os mesmos e nem nossos pacientes. As angústias e prioridades mudam. O ar sempre ganha novos aromas a cada novo encontro, mesmo que esse seja com os mesmos sujeitos. Encarar isso como uma verdade talvez seja um dos compromissos humanos que devemos assumir dentro de todo o processo terapêutico junto ao paciente e aos colegas de trabalho, indivíduos, pessoas humanas ao qual vamos lidar em nosso cotidiano de prática profissional, assim como, generosamente, no olhar para nós mesmos.

A primeira parte intitulada “Caminhos da Borboleta”, procuro conduzir o leitor(a) deste trabalho a ver a necessidade de realizar esse estudo. Para tal, conto como foi a trajetória de formação, os desafios pessoais, faço um relato de minha iniciação no Contato & Improvisação, na Palhaçaria, na Dança de Salão, assim como em disciplinas optativas e projetos de pesquisa-ação dos cursos de Dança e Terapia Ocupacional da presente Universidade. Não poderia deixar pincelar as experiências de estágios curriculares.

Logo após, realizo uma reflexão sobre as minhas permanências e saídas desses espaços de ensino-aprendizagem. Com isso, indago: - O que fazer com o conhecimento adquirido e como proceder nessa nova experiência? Relacionando todas elas com o Propósito, sentido de sacralidade com a existência e com o próprio fazer que foi sendo construído ao longo deste processo de formação e que, magicamente, é citado pelo autor usado como referência em sua obra.

A segunda parte intitulada “Gerando caos, parindo Vida”, faz apontamentos do estudo do autor John Dewey no livro ‘A arte como experiência’. Usado como referência principal para discutir a arte como um lugar de experiência possível tanto para o terapeuta ocupacional como no seu exercício de prática.

O diálogo entre esse autor e o meu pensamento caminhará para um terapeuta ocupacional que não abandona seu fazer, entendendo que seu próprio fazer na vida é que dá o sentido de humanidade à sua atuação profissional, quando este se disponibiliza

a ser também agente de mudança da própria realidade subjetiva, em constante construção em sua relação com o meio em que se insere.

Sugerindo que esse movimento não pode estar apartado de uma experiência singular e completa através dos sentidos produzidos pelo corpo, tampouco de sua abordagem terapêutica. Assumindo que, no processo, também há, pelo terapeuta, sua parcela de engajamento afetivo.

Quando, de fato, há encontro e vínculo, é possível que não haja escapatória das sombras reconhecidas pelo excesso de luz gerado na entrega mútua e o modo como lidamos com isso determina a efetividade de resolução dos conflitos, que tratam mais de várias matizes internas do que de um arco-íris no mundo.

A terceira parte intitulada “Aprendendo com o erro e com o próprio riso”, procura discutir a sistematização da metodologia para formar terapeutas ocupacionais. Analiso a metodologia da minha formação como terapeuta ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Falo sobre a importância do silêncio, entendendo que há outros modos de fala pela via sensível do corpo, e da busca por estratégia para manter o prazer em sala de aula.

Concluo com um resumo reflexivo acerca dos capítulos apresentados. Por isso, destaco uma revisão dos meus processos de aprendizagem na ‘Arte do Cuidar’ e como essa graduação representou, em muitos momentos, um espaço de cuidado para mim, mesmo que eu buscasse fora outras fontes de nutrição subjetiva quando a minha percepção da realidade se tornava estreita como uma cabeça de alfinete.

PRIMEIRA PARTE

“CAMINHOS DA BORBOLETA”

Sou artista. Nunca acolhi com carinho esse fato.

Foi no final do ano de 2015 que a virada aconteceu e tudo mudou.

O chão se abriu embaixo dos meus pés e caí num abismo emocional.

Naquele momento tudo perdera o sentido e a cor. Tragicamente, a vida ficou cinza e não sentia mais vontade de fazer nada, de ser qualquer coisa.

Cada um vive um drama diferente e todos de forma legítima.

Deprimida, triste e sem sentido de existência ou de pertencimento, vagava. Já não sabia mais se o que estava fazendo, era significativo e nem se queria continuar fazendo, mas, mesmo com a dúvida colocando minha autoestima na sola do pé, eu persistia. Bem, repetia pra mim mesma que tudo ia ficar bem, mesmo já não sentindo prazer algum em fazer qualquer leitura da faculdade e encarando tudo como obrigação acadêmica.

Briguei com a academia.

Várias vezes dentro do processo de formação somos convocados a pensar. Pensar sobre as questões do todo e também as particulares. Inúmeras foram às vezes que saí da faculdade ou de estágios, tomada por questões que explodiam na minha pele, de tanto que me queimavam por dentro. Tenho dermatite ectópica.

Essa graduação me deu recursos para perceber o quão frágil era minha personalidade. Consegui perceber também que meu limiar de lidar com uma frustração era baixíssimo e foi a partir daí que comecei a buscar alguns sentidos dentro de todos os processos vivenciados até aquele momento, numa tentativa incessante de construir novas referências e estruturas para um recomeço.

Naquele mesmo ano entrei na terapia. Não consegui sustentar por muito tempo porque, afinal de contas, estou universitária. Até que... Foi no abraço de um irmão que a vida me deu que encontrei alento para o início desse processo de investigação subjetiva.

O primeiro salto-busca realizado foi na dança contemporânea, pela abordagem do Contato e Improvisação. Participei no meio da minha formação de algumas JAMS (Espaço seguro, para livre experimentação de dança improvisada.) de pesquisa sobre

corpo e performance facilitada pelo meu irmão, dançarino contemporâneo, Alexandre Mendes¹.

Nessas JAMS dançarinos e leigos co-existiam no mesmo espaço-tempo com um único objetivo em comum: a busca pelo pulso do próprio movimento. Essas intensidades eram experimentadas de diversas formas: seja deitado no chão, apenas sentindo o peso do corpo contra o chão, contra a parede; ou percebendo em si o movimento e o fluxo da própria respiração, da circulação sanguínea, das percepções sensoriais, da atenção, da concentração; ou disponibilizando o corpo para contatos mais ousados de peso e resistência com outros corpos.

Bem, para mim marcou meu reencontro com o chão. Precisava perceber, corporalmente falando, que ele ainda estava ali e que tudo não passara de um susto. Esses espaços são ótimos para se experimentar uma crise, pois eu podia jogar meu corpo contra a parede sem que isso fosse lido como um surto ou coisa do tipo. Eu podia jogar meu corpo contra o chão, sem que isso fosse entendido de outra forma que não a via estética de experimentação do movimento, mas sugiro a qualquer um que queira fazer isso que esteja consciente de sua crise subjetiva. Estar presente no meio do próprio caos é a tarefa mais importante, mas também a mais difícil de ser apreendida.

A experiência me rendeu frutos maravilhosos como a amizade com o Daniel Meira, servidor público da UFRJ, que compartilhou comigo uma das intensidades experimentadas em uma dessas JAM's. Se eu pudesse descrever nosso (re)encontro na JAM em uma palavra seria: CUMPLICIDADE. Nossos corpos sintonizaram de um jeito tão especial que terminamos a experimentação nos acariciando através das palmas mãos e das pernas, extremamente absortos do efeito que ela nos causou.

O que me levou ao afastamento desse espaço de ensino-aprendizagem ainda foi a minha incapacidade de esperar o possível de cada ser humano e na tentativa de integrar o grupo de pesquisa, ainda fragilizada, eu reagi agressivamente às atitudes que eu discordava. Sem querer me posicionar, porque naquele momento não sabia como fazê-lo, só tinha a certeza de não querer mais estar ali. Durante muito tempo fiquei assim: alheia a tudo que pudesse me fazer sentir “fora da casca”. Isso, às vezes, ainda acontece, mas com menos frequência do que naquele momento.

¹ Alexandre Mendes – Graduado em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coreógrafo, bailarino, preparador corporal, ator e facilitador corporativo. Atualmente ministra Workshops e aulas em dança Contato Improvisação, dança-teatro e Facilitação em Nova Cultura Empresarial. Integrante e fundador da Cia Impele e artista independente.



Fig. 1 e 2 – Experimentações realizadas em uma das JAM

Surge o desejo de preencher o próprio corpo de consciência: suas potências e limitações percebidas para trabalhar suas origens e ressignificá-las. E uma das coisas mais significativas, atualmente, é estar convivendo mais de perto com uma nação oral, os ciganos, e um aspecto claro para eles é que não é possível falar acerca de coisas que não se vivencia.

A participação desses espaços de livre experimentação de dança improvisada produziram outras intensidades que se intensificaram ao longo da trajetória acadêmica, tendo sido a participação na disciplina de férias sobre Corporeidade (pela perspectiva psicofísica), oferecida como optativa, que disparou o interesse no Laboratório de Estudos e Vivências sobre Corpo (Labcorpo), reinaugurado pela professora Maria Luiza de Carvalho com o apoio dos estudantes, que usa como referencial teórico Wilhelm Reich e para o fomento da valorização de outro olhar sobre o corpo dentro da Universidade, principalmente na Faculdade de Medicina. Um olhar mais afetivo e afetado para as conformações a que estamos submetidos a todo tempo, decorrente das relações que se estabelecem e com o modo como essas relações imprimem no corpo e na consciência desse corpo, memórias que nem sempre são benéficas à saúde dos

sujeitos em questão. Permitir a construção de um espaço seguro para a desordem desses corpos.

Depois de cursada a disciplina, foi natural o interesse de participar desse projeto e nele criamos um espaço de cuidado, de solidariedade, de troca, assim como pudemos compartilhar junto aos outros alunos do curso a experiência da disciplina e de construção da abordagem do projeto, monitorando a disciplina nos semestres subsequentes.



Fig. 3 e 4 – Aulas da disciplina de Corporeidade com a Prof^a Maria Luiza de Carvalho.

Respeitando a relatividade do Tempo, nessa mesma época entrei como aluna-bolsista do projeto de extensão “Grafias do Gesto nas Ações do Território em Vulnerabilidade”, orientado pelo professor Marcus Vinicius Machado de Almeida, a convite da professora Márcia Cabral, trazia como enfoque a pesquisa sobre a expressão popular na dança através de matrizes culturais do território que eram registradas e grafadas por nós pelo método da Labanotation, criado por Rudolph Laban. Minha frequência na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da UFRJ se tornou tão frequente que colegas brincavam sobre a dúvida acerca de estar cursando ainda Terapia Ocupacional.

O espaço criado pela oficina do projeto era também um espaço de cuidado, onde usuários vinculavam, demandavam e socializavam, inclusive entre si, estendendo suas parcerias para fora da oficina. Foi uma experiência indescritível, mas que terminou de forma frustrada. Com a instabilidade política e a perda das bolsas, não conseguimos

finalizar o trabalho. Foi nesse momento que comecei a perceber que meu sentido de fluidez e de aceitação dos processos ainda não estava firme, mas estava diferente. Naturalmente, precisei sair do Labcorpo também em decorrência da necessidade de finalizar a trajetória acadêmica, mas em virtude de ambos desenvolvi segurança no meu fazer. Esse não demanda perfeição, demanda disponibilidade.

Algo que também determinou o aumento da minha frequência lá na EEFD foi a participação como aluna de algumas modalidades de dança oferecida por outro projeto de extensão dentro da faculdade para a comunidade acadêmica o “Comunidança”, que me despertou amor por danças entre pares. Na verdade, me despertou para um corpo esquecido que, apesar de possuir, pouco me apropriei dele durante um bom tempo.

Esse despertar, impossibilitado muitas vezes pelo compromisso acadêmico, me levou a buscar uma escola de dança do meu bairro para continuar o aprendizado. Desde então tem sido muitos, principalmente que a impressão que temos de nós mesmos pode estar bem equivocada, por um aspecto ou vários que se relacionam entre si. Percebi uma vergonha do tamanho da Muralha da China e uma dificuldade de lidar com meus erros que sempre me impediu de seguir adiante.

Minha devolutiva aqui é que as atividades que sejam exercidas com engajamento afetivo te devolvem algo de si mesmo a ser trabalhado por si mesmo e que isso é Arte - um fazer artístico que se expande em incontáveis desdobramentos. Essa é a beleza da Terapia Ocupacional para mim e por isso não consigo conceber a ideia de falar de fora. Sempre disse que a TO precisava primeiro funcionar comigo e amigos sempre me disseram que isso me causaria uma neurose grave porque seria colocar uma expectativa muito alta para dar resposta, mas o contrário não seria uma contradição? Falar sobre engajamento, sem ser engajada. Falar de participação, sem participar. Incentivar o exercício de atividades, sem exercê-las.

Hoje, seu sentido intrínseco precisa impregnar o meu corpo todo, se não, para mim, isso seria uma desarmonia interna entre as ações mais elevadas do humano: falar sem fazer, fazer sem sentir, agir sem pensar, pensar sem sentir e por aí vai. Também não afirmo aqui que a comunhão dessas quatro ações (fazer, pensar, agir e falar) seja a tarefa mais “molezinha” da vida, só aponto para o fato de estar comprometida com isso e que esse nascimento se deu dentro desta formação.

A propósito, não há intenção de largar a dança nunca mais.



Fig. 7 e 8 – Aulas no Espaço de Dança Renan França (Escola de dança do meu território).

Ainda caminhante, fui convidada pela minha irmã, a participar junto à Trupe In-ventada, de uma intervenção de palhaços, no município de São José do Vale do Rio Preto, pela Biblioteca Comunitária Novos Horizontes e é lá que nasce minha palhaça.

Lua, posteriormente, Maré Cheia.

Afinal nunca podemos nos esquecer dos processos que modificam todas as estruturas e dão novos sentidos à realidade viva e dinâmica do mundo da forma. Esse nome foi parido pelo meu incômodo com a implicância da minha irmã pelo meu rosto redondo. Como o palhaço, em sua maioria, é fruto do caótico e da expressão primeira de tudo que se nega, a amiga da minha irmã batizou a minha palhaça de Lua. Depois mudei para Maré Cheia porque me caracteriza melhor. Água é sinônimo de emoções e no fluxo de existirem relação direta com a capacidade de mudar seu estado sem mudar sua essência, essa é a marca da minha palhaça. Tudo o que venho aprendendo enquanto ser humano. E me deparei com um grande desafio: o que é ser um palhaço?

Quando o propósito existe, o Universo se alinha e coloca outras pessoas para realizarem junto a você o seu propósito. Foi assim que participei de um retiro de palhaços em Santa Teresa. O mesmo amigo da experiência indescritível na JAM, o Daniel, lembrou-se de mim e também que eu estava me aventurando por estas veredas, me chamando a participar deste espaço. Então, decidida, fui.

No despertar do palhaço interior, fomos convidados à esquecida espontaneidade, ao brincar com nossos gestos e à descoberta dos nossos

comportamentos mais constantes e automáticos pelo olhar do observador para investigar como os nossos palhaços se comportam porque o lugar dele é a ressignificação desse lugar. Foi uma experiência muito intensa e o fechamento desse retiro foi o que mais me marcou: numa sala com uma mandala desenhada no chão por velas acesas, fizemos o juramento do palhaço e, ritualisticamente, orientados que o nariz do palhaço é um pedaço de seu coração que ele coloca no rosto para perceber melhor a vida.



Fig 9, 10 e 11 – Experiências como Palhaça.

E, mesmo depois de algum tempo, não tenho palavras para explicar o que vivi naquele final de semana. Fiquei algum tempo emanando a energia acessada naquele encontro!

Vestida de palhaça o universo se amplia, mesmo que ainda seja difícil assumir o meu ridículo, o meu caótico. Tudo é recurso. Para a arte da palhaçaria, erro é recurso e uma potência afirmativa. Tudo que é inaceitável é por ele reinventado. Brinca com os significados e com os significantes. Não se preocupa com o que os outros pensam. Ele aceita plenamente o que é e age sem se preocupar muito com os seus efeitos. Tudo o que se nega é colocado diante dos olhos. No retiro aprendi que esse lado “obscuro” da nossa subjetividade também deve ser recurso para construção de novas realidades, nesse caso específico, recurso cênico, mas quanta potência há nesse lugar para cuidar de sujeitos? Inexplicavelmente, potente?

“Vanessa, me passa seu contato”. Vou eu e tiro o telefone da bolsa para entregar para a pessoa, distraidamente. Eis que todo mundo ri e minha irmã me acusa: “Essa garota é uma palhaça!” e aos pouquinhos vou acessando esse lugar em mim.



Fig. 12, 13 e 14 – Atividade de Itinerância com os palhaços no município São José do Vale do Rio Preto.

Decerto que a participação na disciplina de Corporeidade com a Ignez Calfa² na EEFD foi de sua particular intensidade também. Seu trabalho, conduzido pela trajetória poética sobre o corpo, eleva sem dúvida qualquer consciência ao nível deste. Foi no espaço da dança que percebi o poder do corpo, sua própria linguagem e tempo.

Levada a um pensar com o corpo, demorei um tempo até embarcar na nave. O ego consciente não me liberava. Hoje, um pouco mais apropriada de mim, percebo o quanto foi importante para o meu crescimento me lançar naquele desafio e do grau do meu sufocamento subjetivo. Naquele espaço, mesmo que pela inexperiência com esse meu corpo enquanto recurso expressivo, disse coisas com o corpo que nunca disse nem para a minha melhor amiga. O corpo é um lugar que parece estar próximo de nós, mas não está se só o usamos de forma utilitária e toda aproximação é explosiva. A impressão da experiência vai sendo construída no processo, mas a sensação era de estar num quarto escuro tateando o cômodo para enxergar melhor.

Nos estágios curriculares também tive desabrochares subjetivos.

Foi em estágio que descobri a minha capacidade de mediação de conflito.

Foi em estágio que respondi agressões/ ofensas com silêncio.

Foi em estágio que me tornei engajada em ser mais pontual com meus horários (Ninguém disse que seria fácil).

Estava atenta, mas em algumas situações a mudança se tornava mais desafiadora (para não dizer difícil) porque o encontro com muros e não seres humanos; super heróis e heroínas inventados fazem com que você verdadeiramente acredite que o problema é você.

Só que o que não se percebe é o tanto de sofrimento que o encontro com janelas e portas fechadas gera. Esse fechamento, empreendido pela tal “pedagogia repressiva”³ que agimos, inconscientemente, oferece o reforço negativo às ações. Naturalmente, haverá repudia, distanciamento. E seu subconsciente não está errado! Ele,

² Ignez Calfa –Doutorada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). Atualmente é professora adjunta da UFRJ. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Dança, atuando, principalmente, nos seguintes temas: dança, corporeidade, memória e educação. Coordena o Laboratório de Arte Educação do Departamento de Arte Corporal/ UFRJ. É membro do NDE (Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Dança/ UFRJ). Membro representante dos professores adjuntos na Congregação da EEFD (Escola de Educação Física e Desportos/ UFRJ). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Dança (2000), em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro.

³ Estratégia de Empresa – Profissionalizada, descentralizada, moderna e humana. Autor: Francisco Gomes de Matos. São Paulo: Makron Books, 1993.

por sua função primitiva, vai querer tirá-lo da “zona de perigo”. Isso não é um problema! O único dilema é não conseguir assumir o controle, mesmo estando consciente de seu movimento interno. Daí surge os não-desejos, as impermanências, as rupturas e, quando consciente, você tenta manter o ritmo do aprendizado que aquela situação toda possa oferecer, mesmo tomando outras decisões. Decisão, talvez, é a palavra chave para a manutenção do fluxo da Vida – de experiências - porque ela determina suas ponderações que são como vírgulas no processo.

Decerto que vivemos no mundo das formas e tudo o que fazemos é projetar nossa realidade interna para fora do corpo. O mundo está um caos? É isso mesmo! Cooperamos para o caos a todo instante sem soluções efetivas e pouco eficazes para a nossa cultura, além de pouco afetivas e criativas porque não nos colocamos sob nosso próprio julgo, mas sim o resto do mundo inteiro.

Passei a desconsiderar as considerações a meu respeito, principalmente quando as pessoas envolvidas no processo não exerciam a tal da escuta, pela qual na academia, só faltam fazer campanha. Ou quando o nível de incoerência era absurdo demais até para uma criança, ao ponto de assustá-la.

Aprendi na minha trajetória que dificilmente escutamos porque não paramos de pensar/ falar um minuto, afinal somos treinados para isso na academia. Defender perspectivas! O tempo todo! Protocolamos muito, usamos muitas referências e imprimimos nossas abstrações a tudo. Isso é ser humano, o resto é desafio empírico.

Não tenho como negar que todos esses lugares de experiência me fizeram refletir sobre a vida, a minha vida e sobre minha própria formação em Terapia Ocupacional e, aqui, me esbarro numa mulher mais desejante da própria vida. São tantas histórias que nos atravessam e se deixam um pouco em nós, seus legados, que ao contrabalancear com o exercício do palhaço, por exemplo, que é capaz de transfigurar seus tropeços em alegrias, o erro em potência poética de ser, subverto a ordem e as formatações em favor da forma e da maturidade individual decorrente de um processo pessoal e legítimo.

Particpei de uma vivência “pedagógica” proposta pela cidade-escola Ayni aqui no Rio de Janeiro em março. Entre aspas porque quem propõe a revolução paciente (minha leitura) não é da educação, mas, inacreditavelmente, é educador. A proposta é de transmutar o sofrimento em legado, de deixar a infância em paz e auxiliar os pais a apoiar o desenvolvimento dos filhos, sem interferir em suas vidas. Pensamentos sobre o

que eu quero plasmar na realidade desse mundo me tomam até agora e chego à conclusão que, para mim, foi um final de semana de dinâmicas e reverberações que ainda não cessou.

Uma das frases do Thiago Berto, criador do projeto, que não sai da minha cabeça é: “Perca o controle, mas não perca o ritmo. A mente precisa estar a serviço do coração e essas coisas que necessitam ser realizadas só podem ser feitas no agora”. Foi dele também que escutei a linda metáfora, de todos nós, comparando a Vida como cavalos de uma carruagem, a mente como o cocheiro e o coração como o passageiro dessa carruagem. O cocheiro precisa se preocupar em consultar o passageiro para saber aonde ele quer ir, se caso não o faz, conduz os cavalos de forma desgovernada, sem destino e sem paradas.



Fig.15 – Vivência Pedagogia Ayni (Março, 2018)

A intenção? É deixar sempre as portas e janelas da minha alma abertas para arejar meu espaço interno de novas experiências e sei que isso demanda, principalmente, uma abertura de espírito, mas também acredito que se tudo fica fechado, o risco de mofo é grande e esse quando não destrói tudo que está à sua volta, destrói tudo que há dentro.

Sejamos sempre generosos com o Tempo, mantendo a confiança no Presente que tudo se resolve, que somos seres inteiros construindo uma realidade compartilhada e que, além da morte, a mudança é outra certeza plausível.

O mundo é o que você quer que ele seja e, felizmente, ele começa por nós, o que faz com que não estejamos isentos dessa realidade compartilhada, que é criada todos os dias.

Qual realidade você está criando?

Este trabalho me convoca para fazer o balanço positivo nesse processo e me lança adiante como uma flecha, aonde eu mesma sou o alvo.

Estou feliz porque cresci e tenho crescido como filha, como mulher, como palhaça, como terapeuta ocupacional, como ser humano e pela primeira vez, apesar de precisar estudar muito ainda para efetivar essa formação na prática, eu consigo me sentir como profissional.

Que este lindo processo firme suas raízes, cresça, floresça, frutifique e se revigore sempre em suas sementes, renovadas, cotidianamente, em mim.

O que acho mais lindo nessa profissão é que ela não tem bolhas de realidade. Essa profissão oferece uma dimensão gigante de possibilidades e caminhos. As bolhas são criadas por nós para melhor nos reconhecermos a nós mesmos, mas não pela profissão.

Ainda bem!

SEGUNDA PARTE:

“GERANDO CAOS, PARINDO VIDA”.

No exercício da arte posso perceber o papel que a experiência estética tem de subverter lógicas estabelecidas e produzir novos sentidos existenciais, e como isso, de certa maneira, se tornou minha militância. Se nós calarmos nossa retórica acadêmica um pouco e deixarmos a arte falar mais, talvez percebamos seus sentidos potentes.

Na TO muito se fala de arte, mas lamentavelmente as experiências sensíveis na formação são ainda pouco efetivadas. Muitas vezes escutei de pessoas do curso que gostariam que tivesse mais oportunidades para esse lugar de experiência e experimentação, mas que, ao mesmo tempo, precisavam focar em seus objetivos profissionais. Perguntas que assolavam a mente eram: como o fazer com o próprio corpo não era considerado como objetivo de formação? Como posso me sensibilizar com quem quer que seja sem que experimente pelas vias de fato os meus próprios limites?

A arte é uma potência formativa!

E para buscar esta potência eu precisei me aproximar de formas, que produziram novos encontros intensivos na busca das potências afirmativas da arte. Este foi meu encontro com John Dewey e alguns outros autores, mas, principalmente, na escolha dele como referência principal do trabalho. Estudei o livro *A arte como experiência* e é o que trago agora: reflexões que ajudaram a alinhar as etapas da minha formação. Escolhi do total da obra alguns capítulos que considero mais significativos.

John Dewey em sua obra *A arte como experiência* discute a arte como parte significativa da vida na realidade cotidiana e a experiência, lugar de interlocução entre o eu e o mundo, como sendo uma característica da vida.

Em seu primeiro capítulo, intitulado “A criatura viva”, Dewey apresenta como questão a desfiliação estética das obras de arte. Em seu discurso ele aponta o quão problemático é fazer teoria sobre essas obras. Uma de suas razões é o foco ostensivo no resultado/ produto em detrimento do processo e do contexto em que a obra foi produzida. Quando a arte é isolada de toda condição que a caracterize como um produto do esforço e da realização humana, através do uso de materiais para alcançar objetivos, inclusive da vida comunitária dos agrupamentos humanos, é necessário um contraponto

que auxilie na tarefa de restaurar a linha de continuidade entre essas grandes obras de arte e os atos e sofrimentos constitutivos da experiência.

O autor considera que é necessário dar maior atenção a todas as experiências que costumeiramente não se considera estética, para, de fato, apreender o significado e sentido das obras. Afirma que para compreender o estético em sua forma refinada, é necessário que se aproprie dele em sua forma bruta. Entende-se por estético tudo que é perceptível, apreendido e sensivelmente captado pelos nossos sentidos formando uma experiência integralizante e integralizadora. Aponta também que toda atividade com interesse de ser bem executada, satisfação e cuidado com seus materiais e ferramentas, pode ser considerada uma atividade artisticamente engajada, mesmo quando não desperta o senso estético de alguém.

O que se considera hoje como obras de arte, atrativos de colecionadores, peças de museu, em algum momento cooperou para a vida útil de comunidades e deveria “fazer parte da exibição de perícia, da manifestação da pertença a grupos e clãs, do culto aos deuses, dos banquetes e do jejum, das lutas, da caça e de todas as crises rítmicas que pontuam o fluxo da vida” (pág.65).

Tiveram razões históricas que cooperaram para o surgimento da concepção de compartimentalização das belas-artes, uma delas foi a influência do capitalismo nos modos de relação. A impessoalidade da globalização também levou a um enfraquecimento ou destruição do vínculo entre as obras e o local onde nasceram. Considerando todos os abismos que a nossa cultura alicerça, o autor traz a ideia, inclusive, do abismo existente entre a experiência comum e a experiência estética. Apresenta uma confusão de valores que acentua a separação. Principalmente que o estético só serve ao deleite pessoal, à apreciação e às glórias da beleza transcendental.

Dewey tem por objetivo o de restaurar a linha de continuidade da experiência estética com os processos normais do viver. A arte cumpre um papel em cada civilização. Ele afirma que até uma experiência tosca é mais útil na apreensão da natureza intrínseca da experiência estética, do que um objeto isolado de qualquer outra modalidade de experiência. O produto artístico brota nas coisas do prazer do dia a dia quando o pleno sentido de experiência se expressa. Fala sobre a impossibilidade de aprofundar os estudos em teoria da arte sem de fato se interessar em conhecer os fatores que determinam a produção da obra – contexto. E para isso sugere que todos esses fatores tornam completa uma experiência comum.

É possível estabelecer algumas relações entre a terapia ocupacional com estas indagações de Dewey porque ao considerar a experiência estética como uma experiência completa de sentidos, inclusive pela busca das referências de uma obra para contextualizá-la, trata muito do movimento profissional do terapeuta ocupacional que, no exercício de sua prática precisa consultar os diversos contextos do seu paciente, as atividades que o levam a um engajamento maior e suas motivações. Sua percepção não pode ficar circunscrita ao diagnóstico ocupacional ou a situação clínica, ela precisa abranger diferentes lugares, relações e papéis ocupacionais dos sujeitos em questão. Acredito que essa percepção não precisa ser reduzida somente a relação no trato com o paciente, mas quanto mais atravessada for essa percepção nos diversos contextos em que o terapeuta ocupacional se insira, mais isso favorece as relações, os processos e os objetivos, sendo o cliente, o principal deles e, como pano de fundo, a salubridade social no ambiente de atuação profissional.

Ao que Dewey afirma por uma desfiliação das obras de arte posso comparar com algumas experiências de estágio, aonde as pessoas se preocupavam mais em avaliar a superfície dos fatos do que aprofundar suas percepções dos processos e acompanhá-los de fato, considerando as subjetividades de todos os sujeitos envolvidos, inclusive dos estagiários. Isso exige envolvimento, participação, escuta sensível! Assim como ele afirma que para se entender a linguagem de uma obra, só é possível imergindo na realidade subjetiva que a produziu, também podemos considerar que para construirmos relações, efetivamente, é necessário que a escuta sensível saia da esfera do discurso e assuma sua condição de premissa para ação, em qualquer instância da Vida.

Ao que ele trata por compartimentalização das obras de arte decorrente de uma influência do capitalismo pela capacidade de gerar distâncias, consigo perceber na própria formação, quando profissionais agrupam-se em especializações e agem “uma defesa de território” desnecessária se a premissa for considerada – a própria Terapia Ocupacional.

O autor mesmo relata que há aspectos em comum entre homem e animais, como a interação com o meio ambiente e a necessidade de adaptação. A cada ciclo de plenitude e escassez, na busca de um equilíbrio temporário, a recuperação a esse estado nunca é igual à anterior. Aponta que há no mundo coisas hostis ou indiferentes à vida, mas se ela continua e se expande, oferece compreensão do equilíbrio e da harmonia alcançando um ritmo e que este não acontece na inércia, mas na tensão.

Para o autor, o artista acolhe seus momentos de tensão porque percebe neles suas potencialidades, não tanto pelo sofrimento que experiencia. Introduzindo em si, na consciência viva uma experiência unificada e total. Tudo que afeta o fluxo contínuo, estável e ordenado altera o ritmo. No entanto ultrapassar os limites é sinônimo de destruição e morte, o que evidencia a possibilidade de construção de novos ritmos.

Só poderiam existir dois mundos em que a experiência não seria possível: um de fluxo e outro, de conclusão. O mundo de fluxo impediria a apreensão e a mudança não seria cumulativa à percepção. E o mundo de conclusão, já acabado, não ofereceria possibilidade para crise nem oportunidades de resolução. O indivíduo perde e restabelece seu equilíbrio em sua relação com o meio e sua harmonia interna está diretamente relacionada com ele. Ela consegue ser mantida quando o sujeito alcança de algum modo um entendimento com o meio.

Pessoas comuns cindem com o passado e/ou futuro em seu momento atual. Só que esse movimento institui na consciência um modelo a ser copiado. Pessoas vivas sabem que lidar com suas tolices, mantendo um passado o qual possa consultar é importante para seguir adiante. Recorre aos animais para falar sobre a experiência, pois estes estão plenos em sua presença e para o ser humano é uma tarefa difícil, afinal o apego às lembranças só consegue ser superado pelas expectativas de futuro. E com isso, o presente fica esquecido. Os animais se orientam no presente pelo que preservam do passado e pelo que esperam do futuro.

A experiência não encerra sentimentos e sensações. Não é reduzida a um momento. Amplifica, pois é um estado de troca ativa com o mundo. A vida é rítmica, nunca estagnada, logo é arte por ser a realização de um organismo no mundo das coisas.

No segundo capítulo, intitulado “A criatura viva e as “coisas etéreas”, Dewey aponta como questão a compartimentalização da vida, dos interesses e das ocupações. Ele afirma que vivenciamos nossas sensações de forma mecânica e quando não, como estimulações irritadas. Falta sentimento, escuta sincera, toque sensível. Não usamos nossos sentidos para apoiar nossa capacidade de discernir, mas aceitamos as condições de vida que levam os sentidos a se manterem como excitações superficiais. Aqueles que usam a mente sem a participação do corpo, mas agem para o controle dos corpos e do trabalho de terceiros, são os que reconhecem que existe uma relação íntima entre os sentidos e o mais íntimo de nosso ser, porém são também os que reduzem o sensório ao sensual eo sensual ao lascivo.

Felizmente, estão certos porque esse é um lugar possível de experiência, mas as capacidades dos sentidos na aquisição de conteúdos é muito mais ampla e eles podem ser: o sensorial, o sensacional, o sensível, o sensato e o sentimental. O sentido, como significado encarnado em uma experiência, expressa a função dos órgãos sensoriais quando levados à plena realização.

Todas as dicotomias surgem do medo do que a vida pode trazer. Afirma que o homem tem a capacidade de descer abaixo do nível dos animais, estreitando assim sua realidade sensível, assim como de alçar vôos em novas alturas, saturando as experiências de significado. Ele afirma que o passado se transpõe no presente, expandindo e aprofundando seu conteúdo. Ver e perceber são mais do que reconhecer. Reconhecer assinala interrupções de curso e a utilização do conteúdo como meio para algo diferente. Já ver e perceber escava veios na terra como as raízes de uma planta buscando água e nutrientes para crescer.

A arte então constitui os próprios processos de viver. “Toda intenção consciente brota antes das coisas organicamente executadas pela interação das energias naturais” (Dewey: 2010, pg.92). A diferença entre o pássaro, que faz o seu ninho, e o ser humano, que elabora um projeto, é a consciência. Esse sendo capaz de superar as relações de causa e efeito da natureza em relações de meios e consequências.

O autor diz “O que era mero choque torna-se um convite; a resistência transforma-se em algo a ser usado para mudar os arranjos existentes da matéria; as facilidades desvoltas tornam-se agentes de execução de ideias”. (Dewey: 2010, pg.92). O estímulo orgânico, por ele, ganha sentidos e significados; as respostas motoras tornam-se instrumentos de expressão e comunicação, deixando de ser assim meios de locomoção e reação direta, afirma.

O homem é capaz de estabelecer a união entre sentido, necessidade, impulso e ação, no plano do significado, sendo a consciência a responsável por regular, através da seleção e ordenação, as experiências. “A superfície sensível das coisas nunca é meramente a superfície” (Dewey: 2010, pg.100)

As oposições levam a um estreitamento da realidade. Ele aponta que existem forças que convertem a execução de ideias liberais como fardos opressivos, que levam os ideais a aspirações frouxas, sem o entendimento que tudo é “matéria” amorfa. Continua-se reproduzindo e reforçando as dicotomias sem o comprometimento de que o “espiritual” / ideal é passível de incorporação e realização “material”.

A intenção humana cria coisas e por essas coisas criadas, o mundo também se constitui porque o ser humano se utiliza dos materiais e das forças da natureza para ampliar sua vida.

O autor afirma que uma das filosofias existentes afirma a aceitação da vida com toda sua incerteza, mistério, dúvida e semiconhecimento, e volta essa experiência para si mesma, a fim de aprofundar e intensificar suas próprias qualidades.

No terceiro capítulo, “Ter uma experiência”, o autor afirma que a intensificação dos momentos de conflito e resistência, na interação entre o eu e o mundo, modificam as emoções e ideias, de modo que nasce a intenção consciente, porém, muitas vezes, a experiência vivida é inconsistente.

A experiência singular seria, então, o material vivenciado no percurso até sua consecução, só assim ela é demarcada e integrada no fluxo geral da experiência constituída de outras experiências. O encerrar-se de uma experiência é uma consumação e não uma cessação. É um todo e carrega consigo seu caráter individualizador e sua autossuficiência.

“Cada parte sucessiva flui livremente, sem interrupções e sem vazios não preenchidos, para o que vem a seguir. Ao mesmo tempo, não há sacrifício da identidade das partes” (Dewey: 2010, pg.111). Uma leva à outra, ganha distinção, cor; o todo duradouro se diversifica. As pausas marcam e definem o movimento, impedem sua dissipação, ao passo que a aceleração esbaforida impede que as partes adquiram distinção.

Desmanchar e fundir, sem desaparecer ou perder o caráter próprio do fazer. A experiência singular tem nome, consegue ser situada. Afirma que a existência de uma unidade é constituída de uma qualidade ímpar que perpassa a experiência, a despeito das variações das partes. No primeiro momento, elas são emocionais e volitivas para depois alcançarem sua significação intelectual.

A experiência do pensamento difere da experiência sensível-estética e, por isso, singular, porque na primeira as premissas surgem a partir da manifestação de uma conclusão, já na segunda a conclusão não é uma coisa distinta e independente, é uma consumação do movimento, de antecipação e acumulação. A experiência intelectual consiste em sinais e símbolos sem qualidade intrínseca própria, mas, por nunca estarem suprimidas e circunspectas em si, podem ser vivenciadas em outra experiência de forma qualitativa. Aponta para inconclusão do pensamento por acreditar que nenhuma

atividade intelectual é um evento integral, pois pode ser automática demais para permitir uma sensação daquilo a que se refere.

O conteúdo não é o mais importante. É preciso que aprendamos a nos relacionar, pois é muito difícil ou muito superficial que se vá aprender os conteúdos a que se refere. Escutar uma opinião diferente, saber lidar com ela e agir afetivamente, mesmo quando se é contrariado é tão importante quanto saber usar um goniômetro, especificamente no nosso caso, ou qualquer outro instrumento de avaliação ou clínica de um caso. As experiências sensíveis podem ser esse elo. Quando você se disponibiliza a se relacionar com outros objetos de experiência e experimentação, principalmente para aprofundar o contato consigo (consciência) e não por curiosidade, você aprende a ter mais cuidado, consigo e com o mundo, sem deixar de se permitir a atravessamentos.

“É possível ser eficiente na ação e não ter uma experiência consciente” (Dewey: 2010, pg.114). Para o autor, nenhuma experiência constitui unidade se não tiver uma qualidade estética. Nesse caso, as coisas precisam ser definitivamente incluídas ou decisivamente excluídas, pois não há intenção quando se vaga com a correnteza.

Diz que:

Os inimigos do estético não são nem o prático nem o intelectual, mas a monotonia, a desatenção para com as pendências, a submissão às convenções na prática e no procedimento intelectual. Abstinência rigorosa, submissão coagida e estreiteza, por um lado, desperdício, incoerência e complacência displicente, por outro (Dewey: 2010, pg.117).

Toda experiência integral só tem suas energias convocadas a atuar nas experiências que se seguem. O amadurecimento e a fixação são opostos polares. Por isso, complementares. Um momento de crise, de conflito pode ser desfrutado como um meio para elaborar uma experiência. E, considerando o fluxo, fazem parte dela para levarem-na adiante.

Tenho aderido ao entendimento de um processo (de qualquer proposta) em três etapas: a inserção, o desenvolvimento e o aprofundamento.

Grandes árvores só são grandes porque possuem frondosas raízes. Para mim não é nem discutível a necessidade de honrar as raízes, afinal é a partir delas que crescemos

vertiginosamente para alcançar a luz. Bem, traduzindo a metáfora: Acho de extrema relevância escutar as vozes dos criadores do curso na Universidade. Digamos que eles sejam nossa ancestralidade e toda vez que os negamos escuta, é como se negássemos também nosso lugar de pertença. A lógica do ideal maternal apontado por Gaia, a Grande Mãe: Só estou no mundo porque me quiseste nele. Houve vontade, força e engajamento afetivo e por isso me sinto honrada.

Pretendo honrar essas raízes com muito amor.

Se rebeldia resolvesse os problemas da humanidade, já estaríamos vivendo em plenitude. Rebeldia só gasta energia na mesma intensidade da resistência que encontra porque, em sua maioria, não sabe buscar as rachaduras do muro para colocar as sementes de uma nova consciência.

Vi isso concretamente na oficina de corpo do Projeto Grafias quando uma pesquisadora de cultura afro foi oferecer sua oficina para o grupo de senhoras com o qual trabalhávamos e uma das senhoras disse a ela: - Você não negra filha! Você é moreninha! A moça mudou até de semblante. Acho que só se conteve mais na resposta por ser uma senhora, mas mesmo assim começou a se distanciar pelo discurso das pessoas presentes para defender sua ideologia. Todos os dias nos esquecemos de muitas coisas como olhar e ver, ouvir e escutar. Porque existe diferença! Mediei a situação convidando as participantes a recuperarem na memória pessoas próximas ou parentes que percebessem sofrer das mesmas questões ela trazia.

A etapa do aprofundamento, para mim, só chega quando todos os envolvidos estão coesos harmonicamente em um consenso. Para mim, o consenso é reflexão e valorização dos elos que unem. A busca irrefletida por resultados pode obscurecer os objetivos e muitos deles são comungados.

Incorporar uma experiência envolve reconstrução que pode ser dolorosa e as emoções significativas instauram qualidades de uma experiência complexa que se movimenta e se altera. Significativas porque, para o autor, de outro modo, elas não passam de perturbações de um bebê perturbado. Na verdade, elas fazem parte de um Eu interessado no movimento dos acontecimentos em direção a um desfecho desejado.

A impaciência e a pressa leva os sujeitos a experiências extremamente empobrecidas de sentido. Nesses casos a resistência é tratada como obstrução e não como convite à reflexão, conseqüentemente, o sujeito passa a buscar, inconscientemente, situações em que possa fazer mais coisas em menos tempo. Esse é

o excesso do fazer que interfere no processo de elaboração subjetiva. As experiências também padecem pelo excesso de receptividade que seria passar pelas coisas, independente da percepção de qualquer significado. Em ambos os aspectos, nada cria raízes na mente quando não há equilíbrio entre o agir e o receber.

A percepção entre o que é feito e o que é suportado compõe o trabalho da inteligência e o artista é controlado pela apreensão da conexão entre o que ele já faz e pelo que ele fará. Considerar que o seu modo de pensar não é atento tampouco penetrante quanto o do investigador científico é absurdo, diz o autor.

O estético é o desenvolvimento esclarecido e potencializado de traços que pertencem à experiência em sua totalidade. O autor define “artístico” e “estético”. A arte seria o esforço de execução, tentando alcançar uma perfeição. A estética é a experiência de apreciação, deleite e percepção de algo. Afirma não ser possível separar uma da outra, pois o agir e o estar sujeito a algo na experiência diluem essa distinção.

Considerando o pensar sobre estética do autor, para a terapia ocupacional também não haveria distinção em seu uso porque se considerarmos a atividade humana um fazer artístico, a apreciação se dá no processo e não reduzida a um resultado final. Há somente processo e a produção dele, mas não resultado. O resultado é sempre decorrente da maturidade de uma questão para cada sujeito. Precisa ganhar corpo e se desdobra até adquirir certa estabilidade interna. As personalidades estão sempre em desenvolvimento constante e o não entendimento disso corresponde a uma estagnação da Vida. Tendo em vista que uma habilidade para ser artística precisa ser amorosa e isso significa importar-se profundamente com o tema sobre a qual a habilidade é exercida, traz para o terapeuta ocupacional a necessidade de consultar a realidade para executar seus objetivos para o que entende por terapêutico. Terapêutico ocupacional só vai ser se a tarefa se constituir uma realidade, enquanto sentido de pertença, para o sujeito e para que isso ocorra, é necessário espaço nessa relação – de interlocução, de expressão, de confiança. Contudo, o próprio terapeuta está em constante construção.

Há muita paixão na percepção estética, mas quando nos permitimos sermos tomados por nossas emoções, a percepção e experiência são prejudicadas em sua essência, se tornando totalmente inestética.

Até ficar satisfeito com o que faz, o artista molda e remolda. Desfaz, refaz. Muda nome, figurino, cenário, enredo, personagens. A expressão é emocional e guiada por um propósito. Mão e olho são instrumentos da criatura viva, impulsionada e atuante

a todo instante. Não aperfeiçoar a visão para o artista é adotar modelos como planta baixa e agir mecanicamente.

A tarefa do artista, para Dewey, é construir uma experiência que seja coerente com a percepção, ao mesmo tempo em que se mova com as mudanças constantes em seu desenvolvimento.

A percepção é um ato de saída para receber uma energia. Para nos impregnar de uma matéria, precisamos mergulhar nela. Quando passivos, ela nos domina e acabamos por não perceber o que nos pressiona por falta de resposta. De fato não é possível distinguir características humanas e posicioná-las umas contra as outras.

A fase afetiva da experiência liga as partes em um todo único; o intelectual nomeia; o prático reconhece que o indivíduo interage com fatos e eventos que o cercam. A experiência integral trata da natureza estética é quando as partes se conectam no todo, sem sucessão, mas interligadas continuamente.

Sendo assim, a experiência estética é a conversão das tensões e das resistências, das tentações para digressões, para um movimento em direção a um desfecho inconclusivo e gratificante.

Absorver e expulsar. Sístole e diástole. Ritmo e fluxo. Variedade e movimento.

Tudo em prol da proteção do fazer de uma monotonia e das repetições inúteis, assim como da falta de propósito e da mera sucessão de excitações.

Dewey, no quarto capítulo intitulado “O ato de expressar”, afirma que toda experiência, independente de sua qualidade, começa COM uma impulsão e não COMO uma impulsão. Faz uma ponderação entre “impulso” e “impulsão”, afirmando que impulso é particular e especializado, tratando-se de um instinto, enquanto impulsão fala do movimento orgânico da inteireza de um ser para fora e para adiante, e dela alguns impulsos são auxiliares, e ilustra, que é a ânsia de alimento da criatura viva em contraste com a alimentação comumente reconhecida. É o voltar-se do corpo como um todo para a luz em contraste com acompanhar uma luz particular com os olhos.

Sem a resistência do meio, ele afirma que o Eu não teria consciência de si. Um ambiente que fosse sempre favorável às realizações do Eu, colocaria fim no crescimento, do mesmo modo que um ambiente hostil seria destrutivo.

Experiências revestidas de significado são aquelas que as energias envolvidas em todo o processo reforçam a impulsão original. Os canais facilitadores ou as obstruções cegas tornam-se veículos. Ao passo que coisas retidas de experiências

passadas reviram-se, equacionam-se de outros modos para se transformarem em novas aventuras com novos significados.

Mas...

“Nem toda atividade de dentro para fora é da natureza da expressão” (Dewey: 2010, pg.147) porque dar vazão a uma emoção não caracteriza ato de expressão, mas sim um impulso. O ato de expressão constitui ato de reflexão e ponderação acerca das intenções do ato. Ele tem um propósito. O autor fala que a descarga afetiva é uma condição necessária, mas não suficiente, da expressão. Para ele, não há expressão sem turbulência, sem agitação, porém a descarga afetiva fala do livrar-se de algo, enquanto a expressão é permanecer na turbulência e levá-la adiante, elaborá-la até sua conclusão.

Jato expelido é autoexposição, impulso.

Exemplifica com a criança. Diz que só quando a criança começa a dar significado ao seu ato, que antes era praticado por pura pressão interna, se torna capaz de verdadeiramente expressar-se.

Todo ato artístico marca a transformação de um ato espontâneo e não intencional em um ato conscientemente pretendido. A expressão compõe: uma experiência integral a partir da interação com as condições e o meio ambiente, tempo de elaboração da resposta para as pressões exercidas pelas coisas objetivas nos impulsos e tendências naturais e construção no tempo, sem emissões instantâneas. Isso que dizer que a forma e a ordem não existem e que por isso o tempo se faz necessário para as interações.

Afirma que a empolgação com um tema revolve um arcabouço de atitudes e significados de experiências anteriores que, na medida em que são convocados, levam a emoções e pensamentos conscientes, imagens marcadas de emoção. Estar inspirado seria inflamar-se com uma ideia ou um tema, que também pode ser entendido por impregnação, e que, talvez, pelo não domínio de uma arte expressiva, muitas pessoas entram em sofrimento. Entram num movimento interno desregrado, fervilhando por dentro e o material objetivo que poderia ser transformado numa experiência intensa e clara, se extingue por uma ruptura interna dolorosa, sem encontrar meios de plena consciência para escoar suas soluções para o meio.

A inspiração, para ele, nasce de elementos de experiências anteriores, dos desejos e pulsões e de imagens novas, tudo misturado num caldeirão alquímico. O material interno, inflamado, precisa encontrar combustível e quando encontra, o produto dessa interação existe e é refinado.

Para haver expressão precisa existir comoção, precisa existir tumulto. Sem compressão, não há ex-pressão. Para o autor não há possibilidade de reduzir a emoção a uma generalização porque emoções tratam de circunstâncias singulares e não duplicáveis, mas afirma também que uma emoção estética só surge quando elaborada.

Habilidade artística sem emoção não é arte. Emoções intensamente presentes também não é arte. A Arte é seletiva no material e diretiva quanto à ordenação e a disposição. Quando a emoção está exacerbada, existe muita coisa acontecendo para permitir o surgimento de uma relação equilibrada. Quando há “natureza” demais, isso impede o crescimento da arte, diz o autor.

A assimilação dos valores e significados de experiências anteriores é feita por cada um de modo muito particular. Às vezes, algumas se gravam fundo, outras permanecem na superfície e outras tantas são facilmente deslocadas. O que se expressa não são os eventos passados ou a situação atual do modo como se apresenta, mas, dentro de sua espontaneidade a união íntima entre os dois no momento atual num uníssono. Quando alcançado, é em nível mais profundo de significação plena.

O autor diz que a matéria primitiva e bruta da experiência precisa ser reelaborada para assegurar a expressão artística. Tanto a comoção interna como os recursos usados para materializá-la precisam ser geridos para receber uma manifestação expressiva e convincente.

Ao autor, para sermos artistas, não nos falta nem emoção e nem competência técnica, que pode ser desenvolvida, mas elaborar uma ideia e uma emoção vagas em termos de um veículo definido. Expressar-se trata de esclarecer para si uma emoção turva, nossas sombras, que ao reconhecerem-se, precisam transfigurar-se.

A natureza da emoção estética é transformar-se, sendo assim qualquer emoção acordada, impele a pessoa a fazer algo. Emoções negativas de forma mais intensa exigem, com mais frequência, uma descarga, porém o trabalho está no redirecionamento da energia. Quando uma pessoa irritada ao invés de desferrar-se na família ou nos amigos, decide arrumar a casa ou fazer um café com pão, ela está, inconscientemente, usando a via indireta da expressão. Isso se torna expressão quando é parte de uma decisão consciente de seu processo. Como tem algo na via indireta que se conecta com sua condição emocional, ela ordena sua emoção ao colocar os objetos em ordem ou na separação dos ingredientes de uma receita. Com isso ele aponta para o uso ordeiro das condições objetivas para dar uma realização objetiva às emoções.

Dewey afirma que vivemos num mundo de organizações externas, não de um ordenamento de uma experiência crescente, que envolva a totalidade da criatura viva, em uma conclusão gratificante.

No quinto capítulo “O objeto expressivo” a crítica à dissociação do ato de expressão com a expressividade do objeto se sustenta. Para o autor não há como ignorar a contribuição individual que faz do objeto algo novo.

Afirma que a obra de arte tem uma qualidade singular que é a de esclarecer e concentrar os significados que se encontram dispersas e enfraquecidas no material de outras experiências.

Retoma o argumento de equivalência e distinção entre arte e ciência a partir da questão acerca de expressão e afirmação. Ele diz que a ciência afirma significados e a arte os expressa. A ciência expõe condições a serem satisfeitas para se obter uma experiência. É externo ao sujeito, não intrínseco, e pode chegar a um fim desejado ou não e acusa seu caráter instrutivo, porém mesmo que haja todas as diferenças entre expressão e afirmação, arte estética e arte científica, tudo isso não conduz a uma experiência porque já se constitui em uma experiência.

Palavras não duplicam a experiência estética e por mais que descrevam cenários, não alcançam a expressividade do objeto artístico. O objeto de arte, por ser expressivo, comunica-se com o outro e isso é uma consequência do trabalho do artista, não que seja intencional. Ainda assim são os meios de comunicação considerados mais completos e desobstruídos entre os homens, pelo autor, passíveis de ocorrer em um mundo cheio de muralhas e abismos.

No sexto capítulo intitulado “Substância e Forma”, o autor inicia seu argumento dizendo que os objetos da arte constituem linguagens, pois cada arte tem seu veículo, seu meio e eles estão a serviço de um dado tipo de comunicação.

Afirma que apesar de supervalorizarmos a fala, cada arte fala um idioma que é o mesmo porque não pode ser dito em nenhuma outra língua. A linguagem precisa ser ouvida e o ouvinte se torna um parceiro indispensável da arte. A relação triádica trata do emissor (quem fala), do receptor ou interlocutor (a quem se fala) e a mensagem (o que se fala). Afirma que mesmo quando o artista trabalha sozinho, todos os três termos estão presentes, pois o próprio artista se transpõe no espectador.

Em toda linguagem, a substância envolve o que é dito e a forma, a maneira como é dita. O material da obra de arte, para ele, pertence ao mundo comum, não ao eu,

porque esse assimila e devolve para o mundo em forma de novo objeto. A substância trata do que é evocado pela obra para se conectar as emoções de terceiros. A forma trata do modo de contemplar, sentir e apresentar um material vivenciado de modo que se transforme em material para construção de experiências por outros. No ato existe integração perfeita entre maneira e conteúdo, forma e substância.

Aponta que para a obra não padecer de artificialismo, primeiro vem o conteúdo, depois a substância ou matéria da obra e por último, a determinação do assunto ou tema. A experiência transforma-se na própria substância da obra.

Os objetos na arte estão deslocados de suas utilidades e funções. Nela ele integra todas as suas potências. O autor afirma que quando a forma se liberta da limitação a um fim especializado e também serve a uma experiência vital e imediata, ela tem qualidade estética e não útil. Nem mesmo na ciência as experiências têm qualidade “pura” ou “simples” ou são de qualidades limitadas ao alcance de um único sentido. Mesmo que se tente avaliar a linearidade de uma linha, nem a cor nem a constância linear da linha se expressa da mesma forma duas vezes.

O que o artista pretende é criar uma nova experiência.

TERCEIRA PARTE:

“APRENDENDO COM O ERRO E COM O PRÓPRIO RISO”

Não consigo imaginar uma formação nessa carreira distante de sua matéria-prima: o fazer humano, a atividade. Já escutei algumas vezes coisas como: “O terapeuta ocupacional precisa aplicar a atividade, não necessariamente saber fazer.”; “Lá vem vocês achando que terapeuta ocupacional SÓ faz atividade.”; “A atividade sempre vai ser um meio para chegar a um fim.” e por aí vai. Vida que segue.

Percebo, através de conversas com colegas e profissionais, que a maioria dos nossos conflitos surge do excesso de teorização acerca do nosso instrumento de trabalho. Assim como Dewey percebe esse mesmo problema com a Arte.

Quem sabe a mesma natureza que permitiu a existência da Terapia Ocupacional seja a mesma que permitiu e permite a existência da Arte, tanto como profissão como experiência de elaboração subjetiva? Prefiro acreditar que Nise da Silveira abriu um portal muito importante e bonito para a Terapia Ocupacional, em que terapeutas não só apreciam a arte, mas como também são artistas.

Numa realidade em que a percepção das coisas ainda é estreita, somos os profissionais que permitem aos diversos contextos em que estamos inseridos uma brecha de (re) construção, de novidade e de ressignificação (Essa é minha palavra!) para a própria realidade institucional, entendendo as diversas pressões inerentes aos diferentes modos de relação.

Somos muito estimulados na academia a dar provas de produtividade e sempre me perguntei: o que de fato preciso produzir? Na verdade essa pergunta me toma desde sempre e essa questão só ganhou profundidade nessa formação. E a resposta é que nunca me preocupei como estaria meu currículo ao final do curso, mas sempre me preocupei como eu estaria ao final do curso e esse trabalho também é em resposta a essa pergunta.

Pela minha simplicidade de percepção da (minha) Vida: não há prática se não estamos em prática. Tem algo que a Terapia Ocupacional é enquanto construção, pelo menos para mim: um lugar de disponibilidade, inclusive de aprendizado. Não saber fazer algo deveria ser espaço para aprendizado. Deveríamos considerar como possibilidade ao convocar o outro: - Não sei, mas se for significativo para você, damos um jeito. Como você sugere que comecemos o trabalho?

O foco no objetivo sem dúvida facilita muitas conversas. Isso funciona em vários contextos: no processo terapêutico, na relação doméstica, na vida profissional. A questão é que ele, como a experiência estética, necessita de Vida. Ou melhor, ele é a própria Vida. Nós que ficamos confusos com as nossas pretensas conclusões, sem acolher o fato que só há continuidade ritmada.

Nesse curso passei a maior parte do meu tempo estudando e discutindo significado, sentido, presença, participação e engajamento.

Eu escutei a convocação. Não dá pra ser externo, distante e só tratar de quem se cuida. Tenho buscado o meu entendimento para isso tudo, trazer para o concreto o que a cabeça elabora e isso não necessariamente faz eco aos colegas. Nem acho que deveria afinal cada um é único e essa singularidade precisa ser respeitada. Outra coisa que afirmamos com muita veemência, mas que fazemos bem pouco.

O meu curso foi bem diferente do que tem sido construído e nem posso me imprimir esse mérito pela via coletiva porque ainda não consigo estar em ambientes onde a tendência da exacerbação do ego fale mais alto.

Eu assumo.

Assumo porque tenho uma meta pessoal: alcançar a comunhão com o meu ego e ajudar pessoas nesse processo também. Abandonar o automatismo do mundo, essa loucura coletiva e incentivada pelo sistema de lutar, sem de fato nos preocuparmos em cuidarmos um dos outros, reconhecendo que para estar nele sempre há possibilidade de buscar novos referenciais e, acima de tudo, sermos felizes com nosso percurso.

Não acho que vai ser fácil, ninguém disse que seria, mas acredito que espaços para o incentivo do silêncio deveriam ser criados dentro do curso. Silêncio esse que abre caminhos para novas linguagens expressivas, tanto para alunos quanto para professores, entendendo ambos como indivíduos de uma comunidade, e o fazer, como linguagem, sendo assim, possui regionalismos, gírias, contrações. É orgânico e dinâmico, como a Vida.

Dar lugar ao silêncio, dar lugar a não palavra também é um potente lugar de ampliação do entendimento e um incentivo à desaceleração imposta a nós pelos valores econômicos absorvidos pelas relações sociais. Como Manuel Antônio de Castro, emérito de poética da UFRJ, afirma: “É no espaço vazio de uma casa que um lar se constitui”. Ou seja, o vazio, a não palavra, o não lugar são extremamente necessários para transformarem-se em sentido e significado de uma existência em novas escolhas.

Bem, hoje, através dos projetos que são divulgados e das iniciativas do corpo discente e docente do curso, percebo como está diferente e melhorado. Muitas das experiências que tive no meu processo de formação foram em virtude do espaço acadêmico do curso ter poucas ofertas de investigação subjetiva.

Trazendo um pouco do que discutíamos no Labcorpo: corpos que cuidam de outros corpos precisam ser cuidados e precisam se exercer como cuidadores.

Tem algo da experiência que é indiscutível.

Muito atravessada pela vivência que participei no início deste ano, cheguei numa reunião de orientação afirmando: - Quero ser uma péssima terapeuta ocupacional!

Meu orientador sem entender nada, me perguntou: - Por que diz isso?

E eu disse: - Porque só sendo uma péssima terapeuta eu conseguirei encontrar as pessoas. Daí ele me devolveu: - Por que não ser uma terapeuta diferente?

Está aqui a consequência dessa campanha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estimo que as experiências sejam incentivadas para além das ações da academia e quando ainda circunscritas, que sejam propostas por alunos. A autonomia que tanto discutimos dentro das disciplinas seja experimentada pelos discentes, como proponentes de projetos e ações.

Torço pelo dia de trabalhos finais mais elaborados pela via de experimentação estética, mais engajada na forma do que no formato e, principalmente, que as ações em Terapia Ocupacional ganhem os diversos territórios deste estado empreendidos por estudantes do nosso curso e que essas ações componham os trabalhos finais nos próximos anos que se seguem.

As questões nunca se deixam encerrar em conceitos porque são motivo de nos movermos para as buscas e posições prévias muito definidas determinam um fechamento e disputa, aonde quem vence é o mais forte e há tentativa de eliminação do outro. Também costuma determinar o diálogo entre surdos, subjetivamente falando.

Ainda acho que precisamos desenvolver a prática da escuta com mais cuidado, porque o cuidado é nosso lugar, ou pelo menos deveria ser na maioria das nossas ações. Precisamos acreditar na escuta para além de um procedimento, mas, principalmente, na constituição de uma atitude. Só assim escutaremos uns aos outros com verdade, assim como nas discordâncias naturais, pela diferenças autênticas de experiência e de Vida, consideraremos a escuta de ambos para as questões que movem o diálogo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

- Principal:

DEWEY, J. *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- Complementar:

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

CASTRO, M. A.; FAGUNDES, I.; FERRAZ, A. M. *O educar poético*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.